

Fronteiras que dialogam

98

Edgar César Nolasco¹
Tiago Oshiro Linhar²

RESUMO:

Através de minha própria inserção no discurso, pretendo com este trabalho estabelecer um diálogo sobre o narcotráfico tomando como cenário a fronteira-Sul do Brasil e a fronteira-Norte do México. Para tanto me apoiarei em epistemologias do Sul, mais precisamente, pela crítica biográfica fronteiriça e pela opção descolonial. É, portanto, a partir de mim, e de meu *bios*, que empreendo um diálogo com a obra ficcional do autor mexicano Yuri Herrera. Em outras palavras, estabeleço uma conexão da fronteira-Sul do Brasil com a fronteira-Norte do México. Tal conexão justifica-se pelas narrativas (a minha biográfica, e a ficcional de Yuri Herrera), com o intuito de promover a crítica biográfico fronteiriça e assim afirmar um discurso tutelado pela opção descolonial. Discurso este produzido fora dos grandes centros, ou longe de uma perspectiva hegemônica. Este trabalho, no entanto, define-se como uma forma de barrar as epistemologias vindas do Norte.

Palavras-chave: Sul; Narrativa; Narcotráfico; Literatura; Epistemologia.

1 Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

2 Mestrando em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

RESUMEN:

A través de mi propia inserción en el discurso, pretendo con este trabajo establecer un diálogo sobre el narcotráfico tomando como escenario la frontera-Sur de Brasil y la frontera-Norte de México. Para esto me apoyaré en epistemologías del Sur, más precisamente, por la crítica biográfica fronteriza e por la opción descolonial. Es, por lo tanto, a partir de mi, de mi bios, que emprendo un dialogo con la obra ficcional del autor mexicano Yuri Herrera. En otras palabras, establezco una conexión de la frontera-Sur de Brasil con la frontera-Norte de México. Tal conexión justificase por las narrativas (la mía biográfica, y la ficcional de Yuri Herrera), con el intuito de promover la crítica biográfica fronteriza y así afirmar un discurso tutelado por la opción descolonial. Discurso este producido fuera de los grandes centros, o lejos de una perspectiva hegemónica. Este trabajo, por lo tanto, determinase como una forma de barrar las epistemologías venidas del Norte.

Palabras clave: Sur; Narrativa; Narcotráfico; Literatura; Epistemología.

[...] as memórias subalternas [...] voltaram-se para a geopolítica de um conhecimento outro, esmerando-se para aprender a desaprender as memórias coloniais que aportaram nos trópicos latinos.
Edgar César Nolasco

La descolonialidad requiere una desobediencia epistémica, porque el pensamiento fronterizo es por definición pensar en exterioridad, en los espacios y tiempos que la autonarrativa de la modernidad inventó como su exterior para legitimar su propia lógica de colonialidad.
Walter Mignolo

Sob o céu das seis (da tarde), com uma espécie de desencanto, senti o lento crepúsculo consumir-me em plena adolescência – e crepúsculo aqui não é metáfora da passagem do tempo, mas sim da perda ou anulação de um espaço –; nessa circunstância, daqui do extremo ocidente, indaguei a mim mesmo: “sou ocidental?” Pois, oriental eu aprendera desde muito cedo que não sou, mas que de certa forma não o deixo de ser, ainda que razoavelmente³. Devo admitir que a partir daquele instante, o da indagação, eu passei a sofrer do “mal” de identidade. Porém, na dúvida do momento e sem expectativa de respostas, imaginei-me ocidental. Neste sentido, Walter Mignolo argumenta que “*América Latina se construye históricamente no como Oriente, sino como el margen de Occidente*” (MIGNOLO, 2015, p. 129). Nem oriente, nem ocidente. América se divide em Norte e Sul. Norte, muro, outros, centro, sul, sul e depois mais sul. E neste “*sur o no sur*”⁴, onde estará o meu ser? Eis a questão.

Nasci em uma zona fronteira e cresci nesse mesmo lócus, ignorando a consciência de que a fronteira é, antes de mais nada, um espaço multiplicador de identidades. Fronteira geográfica, fronteira epistêmica, fronteiras imaginárias. Habitamos a borda de um mundo que nos condena por sermos fronteira. E não poderia ser sob outra perspectiva, a não ser a da “crítica biográfica fronteira”, que ancoo a discussão sobre a qual discorrerei neste texto. Tal teorização é formulada a partir do que Walter Mignolo assinalou como a “inscrição da experiência colonial/subalterna do crítico em suas práticas teóricas” (MIGNOLO *Apud* NOLASCO, 2017, p.74). Conceito que Edgar Cezar Nolasco afunila e nomeia como “crítica biográfica fronteira”. Para Nolasco, “A inscrição da experiência do crítico fronteiro e o reconhecimento de seu lócus discursivo são fundamentais para a formulação [da] teorização biográfica fronteira” (NOLASCO, 2017, p. 74). Não obstante, produzo meu discurso a partir de minhas experiências validadas pelo âmbito fronteiro que me constitui, experiências que estão em vias de consumir-se como narrativa.

Desse modo, pretendo que esta teorização justifique a epistemologia que ampara minha discussão. E é, pois, a partir de minha narrativa que reforçarei os alicerces de uma epistemologia de cunho

3 Referente a minha descendência. Descendo de uma família oriunda de Okinawa, Japão.

4 Referente a canção *Sur o no sur* de Kevin Johansen.

decolonial. Com este intuito, julgo conveniente reafirmar meu lugar de enunciação, o estado de Mato Grosso do Sul. Me situo a quatrocentos quilômetros de distância do Paraguai e a seiscentos da Bolívia. É onde eu vivo, me inscrevo, e produzo este discurso. E com esse ato, o da inscrição, subverto todos os preceitos impostos pela razão ocidental e universalizante, esta que favorece o pensamento, o tempo, todos em sua essência abstrata, e expõe o concreto: o corpo, o espaço, o lugar de onde se fala. Retomando, pois, a imagem de um espaço encoberto pelo crepúsculo da forma como expus no primeiro parágrafo, lanço mão do que Walter Mignolo sublinhou referindo-se ao pensamento ocidental:

No es por casualidad, para ponerlo de manera concreta, que Heidegger haya reflexionado sobre el ser y el tiempo, y no el ser y el espacio; que Proust haya escrito a la búsqueda del tiempo perdido, y no del espacio perdido; que Bergson haya reflexionado sobre la memoria y no sobre la localización. (MIGNOLO, 2015, p.123).

O que Mignolo expõe, segundo ele “de maneira concreta”, é o recurso que a razão ocidental utilizou para anular o espaço, ou seja, um mecanismo que ao privilegiar o tempo e o abstrato acaba por ignorar a localização. E assim, erigiram-se fronteiras, subalternizando na exterioridade aquele que é tido como o indesejável. Por isso, trago à luz minha condição fronteiriça, a fim de validar as diversas “histórias locais” que me constituem e que estão arraigadas ao meu *bios*. Partindo da noção de que estas histórias, nas quais estou submerso, só podem ser narradas por mim e/ou por sujeitos que comungam de semelhantes espaços enunciativos, elejo como objeto que dialogará com minha discussão um produto que é latino-americano e fronteiriço por excelência: o narcotráfico, ou melhor, o narcotráfico como um produto cultural e intelectual. Mais precisamente, meu objeto é uma obra pertencente à *narcoliteratura*, intitulado *Trabajos del reino*, escrita na fronteira norte do México, e publicada em 2004 por Yuri Herrera.

Ao ler *Trabajos del reino* posso associá-lo às narrativas não escritas, porém encenadas no meu entorno, configuradas pelas vozes que “me habitam”. E, conseqüentemente, é a partir de mim, o eu convertido em narrativa que lê a obra do escritor mexicano. Este cruzamento de narrativas assemelha-se, talvez – segundo o que pondera Eneida Maria de Souza na esteira de Ricardo Piglia –, a uma junção de “situações pessoais vividas com outras criadas pela ficção” (PIGLIA *apud* SOUZA,

2002, p. 121). Sendo assim, ao afirmar meu *bios*, proponho que este texto seja uma meta-narrativa, uma narrativa que “a partir de mim” dialogue com outra narrativa, que por sua vez aborda uma terceira, as quais ocupam *loci* semelhantes de enunciação, ou seja, a condição fronteira, a exterioridade do sistema mundial colonial/moderno. Conseqüentemente, são narrativas que se encontram atravessadas pelo mesmo propósito: o de dialogarem acerca do narcotráfico, um diálogo que se dá ao sul.

A novela *Trabajos del reino* é ambientada em um Palácio medieval que alegoriza um cartel do narcotráfico. Este caráter eufêmico que a obra assume para abordar o funcionamento do narcotráfico é um recurso que nos permite uma outra visada acerca desta prática. E quem se incumbe de abrir passagem ao interior do palácio/cartel é Lobo, um compositor de *narcocorrido*⁵ que depois da aprovação do narcotraficante denominado Rey, passa a ser o Artista. Dentro, pois, da narrativa de Herrera há a narrativa do Artista. É ele quem, através das letras de seus *corridos*, nos constituirá o imaginário acerca do narcotraficante. O palácio, por sua vez, é o espaço em que se subvertem os preceitos normativos da sociedade; é, antes de tudo, a “morada da ilegalidade”⁶. É também o lugar que se distancia da racialização e acomoda identidades múltiplas. O qual, ao emitir as primeiras impressões de Lobo, o narrador onisciente define da seguinte forma:

Era como siempre se había imaginado los palacios. Sostenido em columnas, con estatuas y pinturas en cada habitación, sofás cubiertos de pieles, picaportes dorados, un techo que no podía rozarse. Y sobretodo, gente. [...] Gente de todas partes, de cada lugar del mundo conocido, gente de más allá del desierto. [...] había indios y negros [...] (HERRERA, 2008, p. 19).

É, portanto, neste palácio que encontro meu “espaço arquivado”, é nele que se conglomeram e desarquivam espaços outros que me constituem. Ou seja, sintetiza da melhor forma o que vem a ser um espaço fronteiro com toda sua “pluriversalidade”. Em outras palavras, remete ao mesmo espaço que me acomoda. O Palácio é na definição do protagonista “*una ciudad con lustre en la margen de la ciudad*”.

5 Gênero musical provindo do *corrido* mexicano, são narrativas que tematizam o narcotráfico.

6 Referente à morada da lei, de acordo com o *Mal de arquivo*, de Jacques Derrida.

Assim, percebo que tanto a fronteira Sul do Brasil quanto a fronteira Norte do México estão, de certa forma, irmanadas pelo fenômeno *narco*. Longe de tomá-lo por um viés apologético, pretendo, antes, pautar-me em aspectos positivos do *narcomundo* e compreendê-lo como parte da memória cultural de Mato Grosso do Sul, por um lado, e como um fenômeno mais abrangente, ou seja, latino-americano e fronteiro por outro. O narcotráfico, em princípio, se concretiza em um espaço ignorado pelo projeto da modernidade. Por isso parece mais pertinente tentar compreendê-lo não em seu sentido negativo relacionado à violência e à criminalidade, mas sim como um meio dignificador, o qual oferece oportunidade de ascensão social aos sujeitos invisíveis que habitam a fronteira. Em outras palavras, é um meio pelo qual os “condenados da fronteira” reconfiguram a herança colonial. Entretanto, não poderia ser em outro espaço, a não ser em um cenário que é fronteiro por excelência, que indivíduos encontrem formas de se rearranjarem a fim de superar a invisibilidade que os confere o mundo oficial, ainda que uma destas formas seja o tráfico de entorpecentes.

Foi, contudo, em um ambiente fronteiro que se deu início, há quase meio século, o tráfico de drogas que partia do México rumo aos Estados Unidos. Ainda que arraigado às histórias locais do continente latino-americano, o narcotráfico produz efeito de proporção global. Neste aspecto interfere, desde sua gênese, no cenário político de países centrais, como, por exemplo, no abastecimento de drogas extraídas da papoula (prática que se dava no meio rural do estado de Sinaloa, México) às tropas aliadas durante a Segunda Guerra Mundial e, mais recentemente, os cartéis mexicanos que financiam campanhas eleitorais de candidatos norte-americanos nos EUA. Momentos estes que comprovam o que seria uma reconfiguração da colonialidade do poder⁷, já que desta vez a riqueza ou o lucro permanecem sob o domínio de sujeitos descendentes dos que outrora foram explorados.

Intuo necessário um parêntese, para remontar o tráfico em meio ao contexto colonial. A estabilidade financeira que se consolidou

7 Na esteira de Anibal Quijano, a colonialidade do poder principiou no período colonial, quando os produtos internos (café, tabaco, cana de açúcar, cacau) dos países latino-americanos abasteciam e movimentavam o mercado europeu, impulsionando o início do capitalismo e da modernidade (QUIJANO, 2010, p. s/p).

ao redor do Atlântico, e deu origem ao que temos hoje por Europa Ocidental, foi financiado pelas riquezas acumuladas com o tráfico comercial de produtos oriundos da América. Aníbal Quijano sustenta que:

[...] o controle do tráfico comercial mundial pelos grupos dominantes, novos ou não, nas regiões do Atlântico onde tinham suas sedes, impulsionou um novo processo de urbanização nesses lugares, a expansão do tráfico comercial entre eles, e desse modo a formação de um mercado regional crescentemente integrado e monetarizado graças ao fluxo de metais preciosos procedentes da América. Uma região historicamente nova constituía-se como uma nova id-entidade geocultural: Europa, mais especificamente Europa Ocidental [...] (QUIJANO, 2005, p. 109).

104

Portanto, como podemos observar na passagem de Quijano, o poder advindo do tráfico não é uma exclusividade contemporânea e tampouco latino-americana. Contudo, este mecanismo da forma que conhecemos hoje segue uma estrutura alicerçada no período colonial.

Retomando a reflexão acerca do narcotráfico, segundo Jorge Alan Sánchez Godoy o envolvimento de camponeses mexicanos com entorpecentes principia no final do século XIX, quando imigrantes chineses povoaram o estado de Sinaloa no México, para trabalhar na indústria mineira e na construção de trilhos. Estes povos orientais levaram em suas bagagens a cultura do plantio da papoula e do consumo do ópio. Em 1931, por conta de uma pressão interna que vinha sendo alimentada por grupos racistas anti-chineses, desencadeou-se a expulsão dos imigrantes estigmatizados, vistos como uma ameaça à ordem estabelecida. Em pouco tempo, o cultivo passou ao domínio de camponeses e ex-mineiros que se deram conta de que a comercialização da droga era muito mais rentável que se dedicar a seus precários serviços.

No auge da Segunda Guerra Mundial, a prática foi apoiada pelas autoridades dos Estados Unidos e México, mediante acordo que visava o abastecimento de heroína e morfina nos hospitais das tropas aliadas. Finda a Guerra, as atividades continuaram, e assim fugiram ao controle do Estado, até desembocar no surgimento dos primeiros cartéis na década de 1970, quando passa a ser um negócio lucrativo dada a grande demanda no comércio ilegal estadunidense. Godoy, retomando Sergio

Cervantes, deixa claro que, ao passar essa atividade para as mãos de nativos mexicanos, formou-se uma cultura que tem como ponto de referência o narcotráfico. Esta cultura traz em si a consequência de anos de práticas ilegais, estendendo suas conquistas desde o meio agrário à cidade. Como enfatiza Godoy, na esteira de Karla Galindo “as redes do narcotráfico se expandiram rapidamente e no final dos anos setenta, a cultura *narco* era mais que um estilo de vida, passa a ser um signo de identificação” (GALINDO *Apud* GODOY, 2009, p. 91). Esta cultura abrange diversos seguimentos artísticos, todos sob o prefixo *narco*, dentre eles a *narcoliteratura*.

Contudo, entendo este fenômeno cultural que emana de uma história local da América Latina como um artifício decolonizador das narrativas da modernidade. Sendo assim, procuro respaldar-me na opção decolonial, a fim de aproximar-me à realidade fronteiriça em vários aspectos; a) porque, como pondera Walter Mignolo “*Descolonialidad es un concepto cuyo punto de origen fue el Tercer Mundo*” (MIGNOLO, 2015. 173). Ou seja, há mais credibilidade quando se pensa o narcotráfico a partir de teorizações encabeçadas por intelectuais que estão envolvidos em atmosferas semelhantes. Ao contrário dos estudos pós-coloniais, por exemplo, que, mesmo sendo pensado por sujeitos subalternos, emerge em academias da Europa. Mignolo, ao falar da “Razão pós-colonial” sustenta que a expressão era empregada principalmente por críticos e intelectuais escrevendo em inglês e nos domínios do império Britânico e suas ex-colônias; b) porque segundo o mesmo autor: “*Presentándose como una opción, lo decolonial abre un nuevo modo de pensar que se desvincula de las cronologías establecidas por las nuevas epistemes o paradigmas*” (MIGNOLO, 2003, p. 133). E para reforçar como contraponto ao conceito de “cronologias estabelecidas”, pauto-me em uma noção que é espacial e não temporal. O que fica claro, ao eleger a opção decolonial ao invés das que são precedidas pelo prefixo “pós” (como em pós-colonial, pós-ocidental, pós-moderno etc). Assim, o decolonial parece romper com o tempo contínuo, o qual carrega em tal prefixo ao assinalar o que vem depois; em outras palavras, esta continuação cronológica não deixa de vincular-se a preceitos forjados pela razão ocidental.

E finalmente, para validar ainda mais a epistemologia fronteiriça atrelada à opção decolonial, apoio-me na seguinte reflexão:

Dado que el punto de origen de la descolonialidad fue el Tercer Mundo con su diversidad de historias y temporalidades locales, paralelas y diferentes a las temporalidades de Europa y de Estados Unidos en la segunda mitad del siglo xx, y siendo diferentes países imperiales de Occidente los que interfirieron por vez primera en esas historias locales – ya fuera en el Tawantinsuyu en el siglo xvi, en China en el xix o en Irak desde principios del xix (Francia y Reino Unido) hasta principios del xxi (Estados Unidos) –, *el pensamiento fronterizo es la singularidad epistémica de cualquier proyecto descolonial*. (MIGNOLO, 2015, p. 175).

Portanto, proponho aqui que tanto minha narrativa biográfica quanto a ficcional de Yuri Herrera formem parte desta singularidade epistêmica do projeto decolonial, conforme sugere Mignolo no trecho acima. Neste sentido, ilustro a paisagem fronteiriça com duas passagens pertinentes a tal cenário. A primeira, referente à fronteira sul do Brasil divisa com o Paraguai, lócus que Edgar César Nolasco reconstitui da seguinte maneira:

O lado de cá da linha da fronteira não contempla o mundo fora da lei que grassa do outro lado encoberto por um crepúsculo sombrio [...] Vivendo sob o fio da navalha da exclusão resta ao homem subalterno invisível da fronteira, ou permanecer em sua condição (lugar) e sobreviver à ignorância do poder estatal, ou se embrenhar pelas rotas clandestinas dos traficantes e contrabandistas visando chegar na calada da noite aos centros urbanos, verdadeiras “zonas civilizadas” (NOLASCO, 2013, p. 68).

Ao erigir esta paisagem, plena de solução aos sujeitos condenados no desenrolar da narrativa da modernidade, o autor evoca um cenário que permite àqueles que encontram no tráfico, ou mesmo no contrabando, uma reconfiguração do sistema mundial colonial/moderno.

Para estabelecer o diálogo entre as fronteiras, proponho a seguinte passagem, retirada da obra *Trabajos del reino*, a qual refere-se à fronteira norte do México com os EUA, a partir das impressões desprendidas por Lobo, o herói da trama de Herrera. O personagem, em um momento de contemplação, nos emite a imagem de seu lócus fronteiriço da seguinte forma:

Del mojado que devolvieron los migras y tampoco de este lado era querido, le ordenaron que cantara el himno, que dijera qué es un molcajete, cómo se hace el pipián, a ver si de veras podía quedarse acá; de nervios a él se olvidaba todo y también de aquí lo deportaban. Del aprendiz de capo que pasaba los paquetes de perico a golpes de resortera y luego nomás cruzaba a recogerlos, hasta que de puro antojo había descalabrado a un gringo de cierto pedrazo blanco, de lado a lado del río, y aunque ya se había estropeado el negocio le quedaba el gusto de llamarse vingador [...] (HERRERA, 2008, p. 117).

Temos aqui dois aspectos que se desenrolam no cenário da fronteira mexicana, o dos indocumentados, os nada/ninguém que, em sua invisibilidade e ilusão, esperam que dissipem-se as fronteiras do outro lado; e aquele sujeito que aposta na alternativa oferecida pelo narcotráfico, a de ser o autor de sua própria história, ou seja, o protagonista de uma narrativa que é escrita por estes sujeitos que ocupam o lugar da exterioridade. E que, de uma forma ou de outra, vingam-se daqueles que os condenaram.

Contudo, as duas fronteiras postas em diálogo neste texto são constituídas pela narrativa do narcotráfico, não a que aquece o espetáculo midiático, mas sim aquela que emerge como história local. Casos que pairam na atmosfera destes lugares e que viabilizam novas perspectivas acerca deste fenômeno social. Daqui da fronteira-Sul, narramos frequentemente os acontecimentos que envolvem o tráfico de drogas; ainda que como simples anedotas, as histórias orais ganham força e ressignificam alguns preceitos. Não temos, todavia, uma literatura voltada a este fenômeno, nem mesmo uma *narcocultura*. No entanto, os casos que se desdobram nas prosas populares suprem esta falta e assim compõem a memória cultural do Estado de Mato Grosso do Sul.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

GODOY, Jorge Alan Sánches. Procesos de institucionalización de la narcocultura en Sinaloa. In: *Frontera Norte*, vol. 21 número 41. México ene-jun. 2009. Disponível em: <<http://cdsa.academica.org/000-066/937.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

HERRERA, Yuri. *Trabajos del reino*. Madrid. Editorial Periférica, 2010.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/Projetos Globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Minas Gerais: Editora UFMG, 2003.

_____. *Habitar la frontera: sentir y pensar la descolonialidad (antología 1999-2014)*. Francisco Carballo y Luis Alfonso Herrera Robles (org.). Barcelona: Editora Fundación CIBO, 2015.

NOLASCO, Edgar Cezar. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

_____. *Fronteiras platinas em Mato Grosso do Sul (Brasil/Paraguai/Bolívia)*. Campinas: Pontes Editora, 2017.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade/Descolonialidade do Poder. Arquivo de áudio em conferência realizada em Assunção no Paraguai em agosto de 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7sQGnmXWPuA>. Link acessado em 27 de setembro de 2017. Acesso em: 23 julho de 2016.

_____. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro 2005. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/>. Acesso em: 20/10/2017.

SOUZA, Eneida Maria. *Crítica Cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.